



# O argumento perspectivista pelo evolucionismo e naturalismo, e contra o cristianismo: Refutação a Alvin Plantinga

*The perspectival argument by evolutionism and naturalism, and against Christianity: refutation to alvin plantinga*

*Eduardo Banks dos Santos Pinheiro*

## Resumo

No presente trabalho, desenvolvemos uma refutação ao Capítulo 12 do livro “Warrant and Proper Function” (1993) de Alvin Plantinga (1932), no qual sustenta a pretensa incompatibilidade do evolucionismo com o naturalismo apoiado em que o propósito da seleção natural seria a sobrevivência e não crenças verdadeiras, e por isso, não teríamos a garantia de que o próprio naturalismo correspondesse à realidade. Apoiados na concepção perspectivista de Nietzsche (1844-1900), demonstramos o ilogismo do raciocínio de Plantinga, ao confundir entre juízos sintéticos *a priori* e *a posteriori* e o abuso perpetrado sobre conceitos filosóficos como “crença” e “verdade”, tudo para, em última instância, escorar a falsa conclusão de que o naturalismo negaria a própria realidade da matéria e com isso tentar restabelecer a *respeitabilidade da crença em Deus*, o que indica ser a cosmovisão cristã a que induz a duvidar da confiabilidade de nossas faculdades cognitivas, e não o evolucionismo naturalista.

**Palavras-chave:** Perspectivismo. Evolucionismo. Naturalismo. Friedrich Nietzsche. Alvin Plantinga.

## Abstract\*

In this work, we developed a rebuttal to Chapter 12 of the book “Warrant and Proper Function” (1993) in Alvin Plantinga (1932), which supports the alleged incompatibility of evolutionism with naturalism supported by the purpose of natural

---

\* Consignamos nosso agradecimento ao amigo Carlos Natividade Neto, por colaborar com a tradução das citações de Alvin Plantinga, do inglês para o português.



selection would be the survival and not true beliefs, and so we would not have the assurance that the very naturalism corresponded to reality. Supported in perspectivism conception of Nietzsche (1844-1900), show the illogicality of reasoning Plantinga, when confusing between synthetic *a priori* and *a posteriori* and the abuse perpetrated on philosophical concepts like “belief” and “truth”, all to ultimately, shore up the false conclusion that naturalism deny the reality of matter and thus try to restore the *respectability of belief in God*, which indicates that it is the Christian worldview that leads to doubt the reliability of our cognitive faculties, not the naturalistic evolutionism.

**Keywords:** Perspectivism. Evolutionism. Naturalism. Friedrich Nietzsche. Alvin Plantinga.

## Introdução.

O Professor Alvin Plantinga, Ph.D. em Filosofia pela Universidade de Yale (EE.UU.), no Capítulo 12 (“Is Naturalism Irrational?”), que ocupa as páginas 216-237 de seu livro “Warrant and Proper Function” (1993) constrói, a partir da formulação de seu “Argumento Evolucionista contra o Naturalismo” (EAAN), uma suposta incompatibilidade entre o evolucionismo e o naturalismo, identificando a junção destes como “*self-defeating: it provides for itself an undefeated defeater. Evolution, therefore, presents naturalism with an und feated defeater. But if naturalism is true, then, surely, so is evolution. Naturalism, therefore, is unacceptable*”<sup>1</sup> porque “*for the very reason for mistrusting our cognitive faculties generally will be a reason for mistrusting the faculties generating the beliefs involved in the argument*”<sup>2</sup>.

Plantinga apresenta o seu *problema* primeiro tentando definir o *naturalismo*: “*It isn't easy to say precisely what naturalism is, but perhaps that isn't necessary in this context; prominent examples would be the views of (say) David Armstrong, the later Darwin, Quine, and Bertrand Russell. (Crucial to metaphysical naturalism, of course, is the view that there is no such person as the God of traditional theism.) ... is the proposition that human cognitive faculties arose by way of the mechanisms to which contemporary evolutionary thought directs our attention*”<sup>3</sup> o que já escamoteia não ser

---

<sup>1</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 235-236 [Tradução: “*auto refutável: isso gera para si mesmo um refutador irrefutável. A Evolução, portanto, apresenta o naturalismo com uma indefensável refutação, mas, se o naturalismo é verdadeiro, também o é a Evolução. O Naturalismo, portanto, é inaceitável*”].

<sup>2</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 234 [Tradução: “*a própria razão para duvidar de nossas faculdades cognitivas geralmente será uma razão para não confiar nas faculdades generativas das crenças envolvidas no argumento*”].

<sup>3</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 220 [Tradução: “*Não é fácil de dizer precisamente o que o naturalismo é, mas, talvez, isso não seja necessário nesse contexto; exemplos preeminentes seriam as*

contra a concepção naturalista (o mundo regido por leis naturais) que o eminente professor de Filosofia (existe diferença um *professor* e um Filósofo) dardeja a sua diatribe, mas sim contra a *anulador da crença em Deus* a que se pode chegar quando, partindo da premissa naturalista, conclui-se que a existência de um “Criador” que ordene o próprio sentido das faculdades cognitivas (Deus) é desnecessária para explicar o surgimento do Universo em expansão e da vida sobre a face da Terra. Anteriormente<sup>4</sup> havia definido as nossas Faculdades cognitivas como sendo “*self-knowledge, memory, perception, knowledge of other persons, testimony, a priori knowledge, induction and probability*”<sup>5</sup>, e problematiza o “teísmo tradicional” (judaico, cristão e muçulmano) segundo o qual “*God created us in his image, a part of which involves our having knowledge over a wide range of topics and areas*”<sup>6</sup>, através de duas citações de Santo Tomás de Aquino onde o *boi mudo* da Escolástica, com o amparo da *Sagrada Escritura* (Gênesis, 1, 27) faz o intelecto humano proceder de Deus, o que o tornaria, por conta de sua origem divina, algo *confiável*.

A primeira citação incorre em uma *angélica* petição de princípio, pois apenas repete circularmente os seus próprios termos ao dizer que “[c]omo se diz que o homem é a imagem de Deus, pela natureza intelectual, ele é a essa imagem no máximo grau, na medida em que, nesse mesmo grau, a natureza intelectual de Deus pode ser imitada”<sup>7</sup>, como se Santo Tomás de Aquino salmodiasse várias vezes que o Homem é criado à imagem (*selem*, em hebraico) e semelhança (em hebreu: *demut*) de Deus porque tem uma inteligência que imita a de Deus, o que nada acrescenta à premissa nem tampouco a demonstra, visto que o *intelecto* é algo que está no corpo, formando com este uma *unidade dual* a que Nietzsche denomina *selbst*<sup>8</sup>; logo, dizer que a inteligência humana imita a inteligência de Deus é o mesmo que dizer que o próprio Homem imita a Deus, deslocando a “imagem e semelhança” de um plano meramente *físico* (onde a auto-evidência mostra que nem o Homem tem poderes divinos, nem Deus padece das misérias humanas) para o plano intelectual, onde a diferença não apenas de grau, mas de *ordem* entre o Homem e Deus, seria menos perceptível ao primeiro exame.

---

*visões de (por exemplo) David Armstrong, Darwin em seus escritos finais, Quine, e Bertrand Russell. (Crucial para o naturalismo metafísico, claramente, é a visão de que não existe tal pessoa com o Deus do teísmo tradicional.) ... é a proposição de que as faculdades cognitivas humanas surgiram por força do mecanismo através do qual o evolucionismo contemporâneo dirige nossa atenção”].*

<sup>4</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, Capítulo 3.

<sup>5</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 48 [Tradução: “*auto-conhecimento, memória, percepção, conhecimento de outras pessoas, testemunhos, conhecimento a priori, indução e probabilidade*”].

<sup>6</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 229 [Tradução: “*Deus nos criou à sua imagem, uma parte a qual envolve nós termos o conhecimento de uma ampla gama de tópicos e áreas*”].

<sup>7</sup> AQUINO, T. de., Summa Teológica, I<sup>o</sup> q. 93 a. 4.

<sup>8</sup> “*Instrumentos e brinquedos, são os sentidos e o espírito; atrás deles acha-se, ainda, o Selbst. O Selbst procura também com os olhos dos sentidos, escuta também com os ouvidos do espírito*”, Nietzsche, *Assim Falou Zaratustra*, Parte I, “Dos desprezadores do corpo”.

A segunda passagem da *Summa Teologica*<sup>9</sup> transcrita por Plantinga na apresentação do seu problema é que:

[Embora haja, em todas as criaturas, certa semelhança de Deus,] só na criatura racional se encontra essa semelhança ao modo de imagem, como antes já se disse; ao passo que, nas outras, ao modo de vestígio (...)  
Assim no atinente à semelhança da natureza divina, as criaturas racionais se consideram como realizando, de certo modo, a representação específica por imitarem a Deus, não só quanto ao ser e à vida, mas também quanto ao inteligir, como antes já se disse.<sup>10</sup>

A tese de Santo Tomás de Aquino, apoiada em Aristóteles, no entanto, peca por olvidar que um Deus onisciente não teria apenas uma natureza racional, e que o Homem seria (ao menos, tem a *pretensão* de ser) o único criado com a racionalidade, mas que a diferença do Homem a Deus é não apenas de *grau*, mas também de *ordem do ser*, impedindo a *analogia*. O Homem tem a razão, mas é impossível conceber se Deus tem “mente racional” ou uma “natureza racional”, pois se existente, teria sido Ele quem criou as condições para a existência da própria razão, da mesma forma como não pode ser matéria ou energia quem criou a matéria e a energia, e comparando nossa mente à d’Ele, implica antes em uma *limitação* do intelecto humano ter a necessidade de primeiro apreender o mundo para depois entender o que ocorre em seu redor ao invés de tudo saber e prever desde o princípio, sem que obtenhamos disso nenhuma certeza de que nossas faculdades cognitivas sejam confiáveis apenas porque conferidas por Deus, visto que nós, embora criados à sua “imagem e semelhança” ainda somos por demasiado imperfeitos, quão “demasiado humanos”.

A *aporia* de tentar-se incompatibilizar o pensamento evolucionista contra ele próprio, ou contra o naturalismo, no entanto, se torna plenamente manifesta quando, ainda na apresentação do *problema*, Plantinga denota confundir os juízos sintéticos e analíticos *a priori* com os juízos *a posteriori*, dizendo que

We think our faculties much better adapted to reach the truth in some areas than others; we are good at elementary arithmetic and logic, and the perception of middle-sized objects under ordinary conditions. We are also good at remembering certain sorts of things: I can easily remember what I had for breakfast this morning, where my office was located yesterday, and whether there was a large explosion in my house last night. Things get more difficult, however, when it comes to an accurate reconstruction of what it was like to be, say, a fifth century B.C. Greek (not to mention a bat), or whether the axiom o

<sup>9</sup> AQUINO, T. de., *Summa Teologica*, I<sup>o</sup> q. 93 a. 6.

<sup>10</sup> PLANTINGA, A., *Warrant and Proper Function*, p. 229 (nota de rodapé).

choice or the continuum hypothesis is true; things are even more difficult, perhaps, when it comes to figuring out how quantum mechanics is to be understood, and what the subnuclear realm of quark and gluon is really like, if indeed there really is a subnuclear realm of quark and gluon. Still, there remains a vast portion of our cognitive terrain where we think that our cognitive faculties do furnish us with truth.<sup>11</sup>

A apresentação do problema encerra com alguns paralelos, confrontando Richard Dawkins (com Charles Darwin) e Patrícia Churchland de um lado, alistando-os sob o estandarte da hoste dos que pensam que “*then their ultimate purpose or function (if they have a purpose or function) will be something like survival (of individual, species, gene, or genotype); but then it seems initially doubtful that among their functions—ultimate, proximate, or otherwise—would be the production of true belief*”<sup>12</sup>, contra W. v. O. Quine e Karl Popper, do outro, que “*argues that since we have evolved and survived, we may be pretty sure that our hypotheses and guesses as to what the world is like are mostly correct*”<sup>13</sup>.

O primeiro erro é tomar que o naturalismo assente que nossas faculdades cognitivas tenham “uma função ou propósito” e que, para cúmulo, seja prover-nos de “crenças verdadeiras” para os quais teriam sido *projetadas*, o que somente se admitiria se concedêssemos à hipótese pseudo-científica do *intelligent design*, que é exatamente o destino aonde Plantinga nos pretende conduzir. “Função”, ou “propósito”, são atos humanos, como quando se monta um instrumento para servir a um determinado fim, ou se pratica um ato visando a obtenção de um resultado, mas a própria faculdade criativa

---

<sup>11</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 217 [Tradução: “*Supomos que as nossas faculdades estão muito melhor adaptadas para alcançar a verdade em algumas áreas do que em outras; somos bons em aritmética e lógica elementares e na percepção de objetos de tamanho médio em condições normais. Também somos bons em lembrar certos tipos de coisas: consigo lembrar facilmente o que comi no café da manhã esta manhã, onde estava localizado meu escritório ontem e se houve uma grande explosão em minha casa ontem à noite. As coisas ficam mais difíceis, porém, quando se trata de uma reconstrução precisa de como era ser, digamos, um grego do Século V a.C. (para não mencionar um morcego), ou se o axioma da escolha ou a hipótese do contínuo é verdadeiro; as coisas são ainda mais difíceis, talvez, quando se trata de descobrir como a mecânica quântica deve ser compreendida e como é realmente o reino subnuclear do quark e do glúon, se é que realmente existe um reino subnuclear do quark e do glúon. Ainda assim, permanece uma vasta porção do nosso terreno cognitivo onde pensamos que as nossas faculdades cognitivas nos fornecem a verdade*”].

<sup>12</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 218 [Tradução: “*logo, seu propósito ou função final (se tiverem um propósito ou função), será algo como a sobrevivência (de indivíduo, espécie, gene ou genótipo); mas, então, parece inicialmente duvidoso que entre suas funções - últimas, próximas ou outras - estaria a produção de crenças verdadeiras*”].

<sup>13</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 218 [Tradução: “*argumenta-se que, uma vez que evoluímos e sobrevivemos, podemos ter certeza de que nossas hipóteses e suposições sobre como é o mundo, estão, em sua maioria, corretas*”].

humana não pode existir tendo uma “função ou propósito”. A mente não é um instrumento, mas é para servi-la que os homens inventaram todas as suas máquinas.

Ora, negando a existência de Deus como o principal, negamos, por conseguinte, o *acessório*, que é haver qualquer *planejamento* nos eventos astrofísicos observados no Universo ou *design* na constituição dos seres vivos; Plantinga pode excogitar o que seria pensar como um grego do Século de Péricles, ou até como é ser um morcego, mas não parece capaz de pensar o naturalismo dentro do próprio naturalismo, mas apenas “de fora” dele, e segundo a sua própria concepção teísta.

O segundo erro é o de apelar às faculdades cognitivas clássicas (as “fontes de conhecimento”, ou o que são por ele denominados “módulos cognitivos” em outros escritos) como a razão e a percepção como “programadas” para produzir “crenças verdadeiras” (*crenças*, no sentido epistêmico, não religiosas), e uma vez que seja dado (quem disse que foi *dado*?) que as crenças constituídas a partir das percepções decorrem de uma “programação”, deixariam de ser confiáveis, porque impostas desde fora do sujeito cognoscente. Se Deus não existe, *quem* nos “programaria” a acreditar que o céu é azul, que o Sol nasce no Oriente, que o pão é alimento?

O terceiro erro, é o de considerar como “[f]aculdades muito mais adaptadas para alcançar a verdade” (“*faculties much better adapted to reach the truth*”) aquelas que possibilitam a compreensão imediata da realidade dentro do micro-cosmo da experiência cotidiana, ou que as diferentes faculdades cognitivas se adaptariam melhor no alcance da verdade das respectivas áreas, como que a razão seria *mais dotada* para “conhecer” dos juízos lógicos e matemáticos, ou que a sensação seria preferível para perceber objetos de tamanho compatível com as dimensões do agir corpo humano. Se as faculdades cognitivas não são dadas por Deus, elas não visam a apontar o que é “verdade” ou discerni-la da “mentira”; elas simplesmente *são o que são*, e a “verdade real” é aquilo que foi *de facto* percebido, e a mentira, a sua negação. O serem incompletos os nossos sentidos, que não podem, por exemplo, ver o infravermelho ou ouvir o ultra-som, não implica que a visão do espectro do arco-íris ou a audição dos tons da escala musical sejam “falsas” ou não mereçam confiabilidade, da mesma forma que a testemunha, que, ao depor, deixa de narrar *toda a verdade* não está, por causa disso, *mentindo*. A rigor, se nossas crenças fossem dadas (ou validadas) por Deus, aí sim, é que existiria uma “programação”, e poderíamos imprecisar que o nosso “Criador” atua como o *demônio de Descartes*, quer moldando os nossos juízos, quer manipulando a realidade à nossa volta, para que nossas crenças se adequem ao mundo determinado pela vontade do ser onipotente. Poderíamos dizer que se Deus um dia tornasse diferente a realidade a partir de então, as nossas crenças também seriam outras, o que mais uma vez, liquidaria qualquer certeza ou verdade dos fenômenos.

Deus, se existente, seria o “único ser necessário”, e todos os demais seres existem como “contingentes”. Inclusive a realidade do nosso Universo se apresentaria “contingente” diante de um “ser necessário”, e o que nós percebemos, não teria o

verdadeiro em si mesmo, mas porque Deus assim dispôs que fosse o “real”, em lugar de outra realidade possível. Já com o naturalismo, afastando-se a causalidade de Deus, o nosso Universo é que se torna o necessário, e a realidade que experienciamos é a única que poderemos ter. Nenhum ser transcendente nos impõe “de fora” ou “de cima” aquilo que iremos ver, viver, sentir e julgar.

## 1. Crítica ao Argumento Evolucionista contra o Naturalismo.

Como se pode claramente ver, o Argumento Evolucionista contra o Naturalismo (tal como exposto no Capítulo 12 do livro “Warrant and Proper Function”) foi erigido sobre o abuso dos conceitos filosóficos para confundir as tautologias com as realidades empíricas, visando simular uma incoerência interna (deveras, inexistente) do pensamento naturalista, mormente o do biólogo Richard Dawkins, ao apresentá-lo desfigurado tal como se fosse gerador de uma *dúvida metódica* ainda mais radical que a de René Descartes, pois afirmaria serem ilusões não apenas as nossas *crenças*, mas também a observação empírica dos fenômenos, a ponto de se indagar se o próprio naturalismo não seria também ele uma ilusão. Não é o naturalismo quem conduz a esta conclusão absurda, mas sim os sistemas filosóficos de matriz idealista que negam estatuto de veracidade à realidade sensível, como o *imaterialismo* de George Berkeley, Bispo de Cloyne, segundo o qual “*I conclude, there is a Mind which affects me every moment with all the sensible impressions I perceive. And, from the variety, order, and manner of these, I conclude the Author of them to be wise, powerful, and good, beyond comprehension ... the things by me perceived are known by the understanding, and produced by the will of an infinite Spirit.*”<sup>14</sup>, sendo nisso contraditório em reconhecer a existência de *impressões sensíveis e percepções* (algo *carnal*, e não somente *material*) em um mundo sem matéria como a madeira e o ferro e que tem, portanto, a sua verdade como *indiretamente estabelecida* pela produção de um “Espírito infinito”.

Para que fique mais evidente o sofisma de idéias da crítica do Prof. Alvin Plantinga ao naturalismo, procuremos dimensionar o que se entende por *crença*; ora, segundo Régis Jolivet, “[j]ulgar é *afirmar* uma relação, *aderir ativamente* a uma relação percebida. É esta adesão consciente que designamos pelo nome de *crença*”<sup>15</sup> e que as *crenças religiosas* (que são as que o Prof. Plantinga se empenha em validar) inserem-se entre as *verdades que repousam no testemunho*, só que de “origem divina”. Não podem ser concebidas *a priori*, tampouco validadas *a posteriori*, porque quem *testemunhe* ter recebido uma “revelação” afirma que a simples razão humana jamais

<sup>14</sup> BERKELEY, G., Three dialogues between Hylas and Philonous. p. 69 [Tradução: “*Concluo que existe uma Mente que me afeta a cada momento com todas as impressões sensíveis que percebo. E, pela variedade, ordem e maneira destas, concluo que o Autor delas é sábio, poderoso e bom, além da compreensão... as coisas por mim percebidas são conhecidas pelo entendimento e produzidas pela vontade de um Espírito infinito*”].

<sup>15</sup> JOLIVET, R., Curso de Filosofia, § 143, p. 208.

seria capaz de atingi-la por si (do contrário, nem seria “revelação”, mas, a sua inverificabilidade a confina ao juízo particular de quem alegue ter a experiência mística).

Portanto, as *crenças* dizem respeito aos *juízos* que formulamos, podendo ser verdadeiras ou falsas conforme tal o sejam as relações estabelecidas do que se percebeu pelos sentidos; outra coisa é a apreensão do conhecimento do mundo pelos sentidos, e que forma o conjunto daquilo que denominamos por *realidade*. Ainda que sejam as nossas faculdades cognitivas a “*hypothesis that all of contemporary life arose from unicellular life forms by way of random genetic variation of some sort together with natural selection, genetic drift, and the like*”<sup>16</sup> como Plantinga quer fazer com que o naturalismo o diga, não existe nenhuma *prova* de que a realidade seja diversa daquilo que os olhos vêem, os ouvidos ouvem, o olfato cheira, o paladar prova e o tacto toca, muito pelo contrário: pretender que a *evidência* dos sentidos seja contrariada por especulações de Plantinga como a de que “[*i*]t could be that one of these creatures believes that he is at that elegant, bibulous Oxford dinner, when in fact he is slogging his way through some primeval swamp, desperately fighting off hungry crocodiles”<sup>17</sup> é o que vai diretamente contra “o juízo espontâneo, natural e necessário do senso comum”<sup>18</sup> e “o sentimento tão forte e mesmo invencível de que temos de conhecer as coisas objetivas, exteriores a nós”<sup>19</sup>, e que “se um tal juízo fôsse falso, isto constituiria um fato de plena certeza”<sup>20</sup>, tomando aqui de empréstimo algumas expressões de Régis Jolivet, de que:

(...) a doutrina que professa a realidade do mundo exterior, quer dizer, de um universo realmente distinto do sujeito que conhece (...) não é objeto de demonstração. Não se demonstra a evidência. (...) há uma verdadeira evidência na apreensão de objetos realmente distintos do sujeito que conhece.<sup>21</sup>

Antes de se colocar em dúvida a *realidade do mundo exterior* com base em terem os órgãos dos sentidos sido desenvolvidos ao longo de um processo evolutivo que visaria apenas a garantir a sobrevivência do mais apto, é preferível duvidar das percepções dos sentidos e dos juízos em um Universo onde o seu *ser* fosse dado por

---

<sup>16</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 187 [Tradução: “hipótese de que toda a vida contemporânea surgiu de formas de vida unicelulares por meio de algum tipo de variação genética aleatória, juntamente com a seleção natural, a deriva genética e assim por diante”].

<sup>17</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 224 [Tradução: “pode ser que uma dessas criaturas acredite que está naquele jantar elegante e bíbulo em Oxford, quando na verdade está abrindo caminho através de algum pântano primitivo, lutando desesperadamente contra crocodilos famintos”].

<sup>18</sup> JOLIVET, R., Curso de Filosofia, § 71, p. 109.

<sup>19</sup> JOLIVET, R., Curso de Filosofia, § 183, p. 269.

<sup>20</sup> JOLIVET, R., Curso de Filosofia, § 71, p. 108.

<sup>21</sup> JOLIVET, R., Curso de Filosofia, § 186, p. 272.

participação por Deus, que poderia ter criado uma realidade, em vez de outra, e pode mudar a existente, ao seu talento, pelo que a obra de Alvin Plantinga é que contém em si o germe da auto-refutação e provê para si mesmo um *defeater*, posto que sua premissa básica é que sob o naturalismo, não poderíamos confiar sequer em nossa sensibilidade. Entenda-se bem: não existindo Deus, nada nem ninguém manipula a nossa realidade, ou os nossos juízos e percepções; a existência em um Universo cego e inconsciente do fim, além de nos tornar livres para plasmar nossa própria História, também elimina a possibilidade de que nossas mentes sejam “programadas” para nos incutir crenças falsas, apenas porque a mentira se adaptaria melhor à sobrevivência das espécies.

Além disso, os animais irracionais — que respondem pela maior parte das espécies que evoluem — são guiados por *instintos* e não por *juízos*, e nunca se viu um antílope fugir de um tigre ou leão por seguir a alguma combinação de crença-desejo, como o troglodita Paul, de um exemplo do próprio Plantinga, que, *desejando* terminar sua vida devorado por um tigre, tem a *crença* de que a forma mais eficiente de atingir o seu objetivo é fugindo dele, com o que a sua sobrevivência seria garantida por uma crença falsa e injustificada. A Evolução não desempenha o papel atribuído a um Deus pessoal, que tudo criasse conscientemente para servir a um “propósito”: nem mesmo a seleção natural pela sobrevivência do mais apto é um *objetivo* que pudesse ser “almejado” pela Evolução. Ela é totalmente inconsciente dos seus fins.

Alvin Plantinga não questionou se os instintos de caçada e fuga dos brutos deixam de gozar de “confiabilidade” porque seriam implantados tendo em vista a sobrevivência do mais apto e não para produzir *instintos verdadeiros*. A questão posta por Plantinga em relação aos seres humanos — ou outros animais hipotéticos que tivessem “razão” e pudessem acreditar em “deuses” —, porém, é se “*belief is connected with action in such a way that extensive false belief would lead to maladaptive behavior*”<sup>22</sup>, novamente confundindo a *crença* (*belief*), que é uma *adesão ativa a uma relação percebida*, com a própria relação percebida!

Concedemos, no entanto, que ter uma fé religiosa, acompanhada da prática de alguma religião pode se tornar em um comportamento não adaptado quando o fiel deixa de fazer algo que lhe dá prazer (inclusive *sexual*) porque é *pecado*, ou se submete a alguma restrição ou obrigação que lhe reduz a potência (vital ou *financeira*) como os preceitos *kasher* (entre os judeus), *halal* (entre os muçulmanos) e do veganismo (entre os hinduístas e budistas), ou o pagamento de *dízimos* (entre os cristãos). Porventura a seita das “Testemunhas de Jeová”, *verbi gratia*, é adaptada para a sobrevivência do mais apto quando obriga seus seguidores a rejeitar transfusões de sangue que lhes salvariam a vida? Ou é adaptado o comportamento do evangélico pentecostal que freqüenta a igreja três vezes por semana, perdendo várias horas de seu dia assistindo a cultos que “pegam fogo”?

---

<sup>22</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 223 [Tradução: “a crença está conectada com a ação de tal forma que uma crença falsa extensa levaria a um comportamento inadaptado”].

Ser acometido por crenças que tais representaria antes uma seleção para o descarte dos menos aptos, sem pretender aqui tomar o evolucionismo como uma “predestinação” para a sobrevivência ou a morte, como parece a forma rasteira pela qual Darwin vem sendo compreendido, decerto por influência do pensamento protestante de orientação calvinista, comum no meio dos anglo-saxões, máxime os estadunidenses, propensos a substituir a *Deus* pela Evolução, a *Graça* pela sobrevivência do mais apto e a *danação eterna* pela extinção da espécie, trocando os nomes dos conceitos, mas não mudando suas crenças e comportamentos afora da *ordem do discurso* e adaptando a idéia da Evolução aos seus valores e tradições religiosos, somente na aparência abandonados em lugar de um pretenso *ateísmo cristão*.

## 2. Perspectivismo em apoio do Evolucionismo e do Naturalismo.

Nietzsche, sendo perspectivista e não naturalista, deixa, contudo, a resposta aos que intentam encontrar algum propósito finalístico nos fatos do mundo, seja a “sobrevivência do mais apto”, seja a produção de “crenças verdadeiras”:

*Origem do lógico.* — De onde surgiu a lógica na mente humana? Certamente do ilógico, cujo domínio deve ter sido enorme no princípio. Mas incontáveis outros seres, que inferiam de maneira diversa da que agora inferimos, desapareceram: e é possível que ela fosse mais verdadeira! Quem, por exemplo, não soubesse distinguir com bastante freqüência o ‘igual’, no tocante à alimentação ou aos animais que lhe eram hostis, isto é, quem subsumisse muito lentamente, fosse demasiado cauteloso na subsunção, tinha menos probabilidades de sobrevivência do que aquele que logo descobrisse igualdade em tudo o que era semelhante. Mas a tendência predominante de tratar o que é semelhante como igual — uma tendência ilógica, pois nada é realmente igual — foi o que criou todo fundamento para a lógica. Do mesmo modo, para que surgisse o conceito de substância, que é indispensável para a lógica, embora, no sentido mais rigoroso, nada lhe corresponda de real — por muito tempo foi preciso que o que há de mutável nas coisas não fosse visto nem sentido; os seres que não viam exatamente tinham vantagens sobre aqueles que viam tudo ‘em fluxo’. Todo elevado grau de cautela ao inferir, toda propensão cética, já constitui em si um grande perigo para a vida. Nenhum ser vivo teria se conservado, caso a tendência oposta de afirmar antes que adiar o julgamento, de errar e inventar antes que aguardar, de assentir antes que negar, de julgar que ser justo — não tivesse sido cultivada com extraordinária força. — O curso dos pensamentos e inferências lógicas, em nosso cérebro atual, corresponde a um processo e uma luta entre impulsos que tomados separadamente, são todos muito ilógicos e injustos;

habitualmente experimentamos apenas o resultado da luta: tão rápido e tão oculto opera hoje em nós esse antigo mecanismo.<sup>23</sup>

Segundo o pensamento de Nietzsche, a Evolução não se destina a produzir a *sobrevivência*, enquanto *instinto de conservação*, apresentando-se, porém, como exuberância de vida enquanto Vontade de Potência, como deixa implícito (“*A luta pela existência é apenas uma exceção, uma temporária restrição da vontade de vida; a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão, de poder, conforme a vontade de poder, que é justamente vontade de vida*”<sup>24</sup>) e é retomado mais explicitamente em *Crepúsculo dos Ídolos*:

*Anti-Darwin*. — No que toca à célebre ‘luta pela vida’ até agora me parece apenas afirmada e não provada. Ela acontece, mas como exceção; o aspecto geral da vida *não* é a necessidade, a fome, mas antes a riqueza, a exuberância, até mesmo o absurdo esbanjamento — quando se luta, luta-se pelo *poder*... Não se deve confundir Malthus com a natureza. — Mas, supondo que haja essa luta — e, de fato, ela ocorre —, infelizmente ela resulta no contrário do que deseja a escola de Darwin, do que talvez se *poderia* desejar juntamente com ela: ou seja, em detrimento dos fortes, dos privilegiados, das felizes exceções. As espécies *não* crescem na perfeição: os fracos sempre tornam a dominar os fortes — pois são em maior número, são também os *mais inteligentes*... Darwin esqueceu o espírito (— isto é inglês!), os *fracos têm mais espírito*... É preciso ter necessidade de espírito para adquirir espírito — ele é perdido, quando não mais se necessita dele. Quem tem força dispensa o espírito (— ‘deixem de lado!’, pensa-se hoje na Alemanha, ‘o *Reich* continuará nosso’...). Entendo por espírito, como se vê, a cautela, a paciência, a astúcia, a dissimulação, o grande autodomínio e tudo o que seja *mimicry* [mimetismo] (esse último compreende boa parte do que se chama virtude).<sup>25</sup>

São, portanto, os *juízos* formulados sobre a experiência sensível os que podem originar “crenças verdadeiras” ou “crenças falsas”, mas a própria experiência sensível não pode ser “falsa”; daí que o postulado naturalista não é abalado pela dúvida sobre a veracidade ou falsidade de nossas crenças, porque a Evolução é apenas um *fato* do Universo, algo que está dentro dele, e não que agisse intencionalmente, sequer quando são formados os órgãos dos sentidos. São apenas os homens, sempre *antropomorfizando* a realidade, os que distorcem e manipulam os juízos, com suas certezas e dúvidas sobre seus próprios *constructos* como a existência de Deus. Por um

<sup>23</sup> NIETZSCHE, F., *A Gaia Ciência*, § 111, pp. 129-130.

<sup>24</sup> NIETZSCHE, F., *A Gaia Ciência*, § 349, p. 217.

<sup>25</sup> NIETZSCHE, F., *Crepúsculo dos Ídolos*, § 14 da seção IX, “Incurções de um Extemporâneo”, p. 60.

lado, aparentamos concordar com Plantinga, quando ele diz que a Evolução não está preocupada com a formação de crenças verdadeiras, mas discordamos radicalmente dele, porque a Evolução também não possui a *intencionalidade* de incutir crenças falsas para determinar os seres vivos a sobreviverem mediante enganos. É a *religião* quem se ocupa da “verdade” e da “mentira” como questões morais, e não o naturalismo, ao qual somente importa o conhecimento das leis pelas quais funciona o Universo, sem exteriorizar juízos outros que só aos teólogos interessam. Não apenas a Evolução não visa produzir “crenças verdadeiras” ou “crenças falsas”, como também não “visa” a nada, porque ela não tem um direcionamento.

O simples fato de o Prof. Alvin Plantinga ter evoluído em uma espécie inteligente o bastante para desenvolver a suspeita de que suas percepções não correspondem à realidade objetiva, é uma prova de que o naturalismo está correto (ainda que não seja “completo” e descobertas posteriores venham a superá-lo por um sistema ainda mais perfeito) e que nossos sentidos têm um mínimo de *confiabilidade* para nos garantir que não estejamos vivendo dentro de uma ilusão. A crítica de Plantinga ao naturalismo ajuda à própria teoria que ele pretende refutar, porque demonstra que suas premissas podem ser *falseáveis* pela suspeita de que nossas crenças, enfim, não sejam verdadeiras, e a Evolução as tenha incutido em nossas mentes para nos fazer sobreviver, o que garante ao naturalismo toda a legitimidade que decorre do conhecimento obtido pelas Ciências Experimentais. É pela dúvida que podemos formar qualquer certeza.

A preocupação subjacente às camadas superiores do *ruminar* filosofante de Plantinga é encontrar um fundamento de validade para as nossas crenças. Entendendo que esse fundamento não pode estar na realidade, precisaria ser dado desde cima, por um Deus absolutamente perfeito, que não teria o *dolo* de mentir e enganar; só que esse Deus, pelo simples fato de criar uma realidade em lugar de outra, já está, com isso, manipulando, e fazendo do próprio Universo a sua grande mentira (o conceito de “verdade” deixa de existir, se Deus decide qual será a realidade em que suas criaturas conhecerão as suas experiências). Essa busca incessante pretende validar a própria crença em Deus como “básica”, para fugir ao problema de que não teríamos como saber se a própria idéia de Deus não seria mais uma crença enganosa sugerida pela Evolução para determinar o comportamento gregário e ordeiro e o progresso civilizacional; se o *sensus divinitatis* é “apropriadamente básico”, não foi dado por nenhum ajuste evolutivo nem depende das premissas do naturalismo, é o que nitidamente se percebe como o projeto ideológico que vindica apoiar o conhecimento em crenças verdadeiras justificadas, remontando ao que Nietzsche denunciou como “vontade de verdade”, a qual, na prática, é uma *vontade de engano*, um preconceito moral em que à verdade é conferido um valor maior do que à aparência:

Não passa de um preconceito moral que a verdade tenha mais valor que a aparência; é inclusive a suposição mais mal demonstrada que já houve. Admita-se ao menos o seguinte: não existiria nenhuma vida, senão com base em avaliações e aparências perspectivas; e se alguém, com o virtuoso entusiasmo e a rudeza de tantos filósofos, quisesse abolir por inteiro o ‘mundo aparente’, bem, supondo que vocês pudessem fazê-lo – também da sua ‘verdade’ não restaria nada! Sim, pois o que nos obriga a supor que há uma oposição essencial entre ‘verdadeiro’ e ‘falso’?<sup>26</sup>

Para Plantinga, a crença em Deus é “apropriadamente básica” (*properly basic belief*) porque o *sensus divinitatis* é acionado por experiências ou circunstâncias passíveis de exame fenomenológico como “*situations of guilt, danger, gratitude — the sense that God is actually present to one*” (Warranted Christian belief, p. 175)<sup>27</sup>; entretanto, se a crença em Deus é “básica” porque nos é dada pelo próprio Deus, descamba-se em uma falácia de *petição de princípio* porque tanto a existência de Deus quanto a “basicidade” da crença n’Ele (que a instilou no entendimento humano) funcionam como “demonstração” uma da outra — e isso não seria, também, “*circulus vitiosus deus*”?

Mais do que isso, se temos alguma “crença básica”, ela sim, é que será dada por um ajuste colocado em nossas mentes, e não algo de que nos apercebêssemos pela experiência como algo “real”. Se o *sensus divinitatis* é incutido pela própria divindade, não temos a liberdade de descrever, ainda que todas as evidências percebidas testemunhem contra a existência de um “criador”. Plantinga, ao colocar em dúvida a todas as nossas percepções, acaba por fazer de uma programação implantada por Deus em nossas mentes a única certeza verdadeira, o que é o contrário do que se procura ao investigar o que é a verdade e a pensar criticamente. A “basicidade” da crença em Deus termina por nos causar o estrago de que Plantinga acusa o naturalismo de o fazer, em uma escala *transcendental* e numa ordem ainda mais elevada.

### 3. O cristianismo não oferece resposta melhor do que o naturalismo.

Faremos aqui o uso da *paráfrase*, do próprio Alvin Plantinga, com o que esperamos *transvalorar* os argumentos por ele expendidos em prol do teísmo cristão, apropriando-os de forma paródico-crítica para inverter contra o teísmo e o cristianismo a fulminação das baterias que Plantinga carregou no afã de liquidar o ateísmo e o naturalismo, e veremos que a crença em Deus que ele intenta validar, não oferece uma resposta melhor para as questões epistemológicas do que o naturalismo, ao revés,

<sup>26</sup> NIETZSCHE, F., Além do Bem e do Mal, § 34, p. 41.

<sup>27</sup> Tradução: “*situações de culpa, perigo, gratidão — a sensação de que Deus está realmente presente para alguém*”.

colocar Deus na equação nos afasta de um Universo cego e irracional, para fazer de todos nós os *joguetes* de um “ser supremo”, que cria a nossa realidade visando objetivos que sequer interessariam diretamente à nossa sobrevivência na Terra, mas à “salvação”, posta esta como um “fim último” para além da vida corporal.

Agora, o argumento de que é irracional crer no cristianismo: o valor de verdade da fé é ou baixo ou inescrutável (não é possível a *fé* sem a *dúvida*, do contrário, seria *certeza*, como pretensiosamente disse Carl Gustav Jung: “*I don’t need to believe, I know*”<sup>28</sup>); em ambos os casos, tem-se um anulador para a alegação de que nossas crenças religiosas são confiáveis, e portanto, para qualquer outra crença não amparada pela experiência empírica que se possa ter; mas a crença religiosa pode ser o próprio cristianismo; então alguém que aceita Jesus tem um anulador para o cristianismo, uma razão para duvidar ou ser agnóstico em relação a isso. Se ele não tem nenhuma evidência independente, o cristianismo é auto-refutável e, portanto, irracional.

Poderia ele arranjar um anulador que destruísse esse anulador — um anulador-anulador? Talvez fazendo alguma experiência, por exemplo, que determinasse por métodos científicos que suas crenças religiosas são confiáveis? Mas, é claro, isso teria que pressupor a necessidade do conhecimento *a posteriori* para validar a crença *a priori* em Deus, que assim deixa de ser “básica”.

Se a infalibilidade da *Sagrada Escritura* fosse colocada em questão, seria ridículo se referir à própria “palavra de Deus”, sendo Ele existente ou não. O mesmo absurdo existe em tentar provar, por qualquer tipo de raciocínio, provável ou demonstrativo, que nossas crenças religiosas não são falaciosas, visto que o ponto em questão é exatamente se a nossa fé pode ser confiada.

Existe alguma forma sensata de se argumentar em favor da alegação de que nossas crenças religiosas são confiáveis? Qualquer argumento que for produzido terá premissa; e essas premissas, alega-se, provêm boas razões para crer na confiabilidade de nossas crenças religiosas. Entretanto, é óbvio, esse argumento tem o mesmo invalidador para cada uma dessas premissas que ele admite para a confiabilidade das crenças religiosas. Então esse invalidador não pode ser invalidado.

Nós poderíamos colocar desta forma: qualquer argumento oferecido, para estabelecer a alegação de que nossas crenças religiosas são confiáveis, é circular ou uma petição de princípio. A religião cristã provê aos seus fiéis uma razão para duvidar de que suas crenças são em sua maioria verdadeiras, já que põe em dúvida a validade da sabedoria, da razão humana, e até da experiência sensível ou empírica (além de I Coríntios 1, 20-21, também Jeremias, 17, 5: “*Assim diz o Senhor: Maldito o varão que*

---

<sup>28</sup> “*Eu não preciso crer, eu sei*”. A afirmação não se encontra em sua obra, sendo proferida em célebre entrevista concedida por Jung (1875-1961) ao programa televisivo “*Face to Face*”, transmitida em 1959 pela emissora British Broadcasting Corporation (BBC), sugerindo-se que se a assista no [link https://www.youtube.com/watch?v=x5VXNeXw648](https://www.youtube.com/watch?v=x5VXNeXw648), acesso em 4 de outubro de 2024. A frase se encontra dos 6:24min aos 6:43min.

*confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!*”, e Provérbios, 3, 5: “*Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento*”); talvez elas estejam na sua maioria erradas; pois a mesma razão para confiar nessa “Revelação” geralmente, será uma razão para não confiar nas faculdades que produzem a crença na salvação e na posse da vida futura.<sup>29</sup>

Assim, o devoto do cristianismo tem um anulador para a Revelação e para a Infalibilidade da Bíblia — um anulador que não pode ser anulado. O cristianismo, então, é auto-refutável, e não pode ser racionalmente aceito.

Alguém que cogita aceitar o cristianismo, e está “preso”, por assim dizer, entre o cristianismo e o ateísmo, raciocinaria da seguinte forma: “Se eu fosse aceitar Jesus, eu teria boas razões para ser agnóstico em relação a ele; então eu não deveria aceitá-lo”. O que é um argumento para a irracionalidade do cristianismo (e não para sua *falseabilidade*).

## Conclusão

Que os sentidos podem ser enganados por ilusões, nunca se negou, desde quando Sócrates discorria sobre a *epistême* com os seus contemporâneos nas ruas de Atenas. O Argumento Evolucionista contra o Naturalismo, tal como exposto pelo Prof. Alvin Plantinga em sua obra, no entanto, coloca em xeque a própria capacidade de verificação da realidade, ao dizer que se a espécie humana evolui em um processo de Seleção Natural que seleciona os indivíduos mais aptos para a sobrevivência, as faculdades mentais poderiam estar distorcidas para seguir a uma percepção falsa, que, no entanto, favorecesse à sobrevivência.

O erro principal na crítica de Alvin Plantinga ao conhecimento, está em que se somos capazes de perceber quando nos iludimos, e sabermos que existe a possibilidade de erro em nossos julgamentos, não ocorre a manipulação *irresistível* exposta no Argumento Evolucionista contra o Naturalismo. O perspectivismo de Nietzsche fornece boa resposta às objeções levantadas contra a validade de nossa experiência: os fenômenos existem, e nossas crenças a respeito deles atuam em nossa capacidade de julgamento apenas de forma *secundária*, ao introduzirem *interpretações* aos fenômenos. As diferenças de perspectivas, consoante Nietzsche, decorrem de valorações *culturais* e até *morais*, que não comprometem a validade da experiência sensível na percepção dos fenômenos; as crenças injustificadas que tenhamos, ainda que, por hipótese, favorecendo de algum modo a sobrevivência da espécie, ou o respeito

---

<sup>29</sup> O cristianismo volta contra sua própria *revelação* uma versão do *paradoxo de Epimênides* (que Paulo converteu em “profeta” do “deus desconhecido” em Atos, 17, 23 e Tito 1, 12), haja vista que se não se pode confiar no entendimento e na razão, é como se o *testemunho* dos que creram (I Coríntios 15, 6) dissesse “eu sou mentiroso”, posto que se Deus não se dá a conhecer diretamente, mas por *revelação*, esta somente é apreendida pelos sentidos (inclusive a *palavra*) que ela mesma sustenta não serem confiáveis.

mútuo nas interações sociais, aparecem em nossa atividade mental, não em decorrência de um “ajuste evolucionário” que as *infunda* ou *instile*, mas sim, como *constructos* civilizacionais, que tornam suportável a vida em comunidade, e que são desenvolvidos em uma operação mental posterior à da simples *percepção*. Ademais, segundo Nietzsche, a vida existe como *exuberância*, e não apenas para garantir “sobrevivência”, como se tivesse nisso o seu *direcionamento*, o que torna problemáticas as próprias definições de “Evolução” e “Naturalismo”, da forma como compreendidos pelo Prof. Alvin Plantinga em seu trabalho; a seguir Nietzsche, as premissas de Plantinga estarão equivocadas desde o início.

Lado outro, a *extrapolação* aventada no exemplo de Plantinga, de que “[i]t could be that one of these creatures believes that he is at that elegant, bibulous Oxford dinner, when in fact he is slogging his way through some primeval swamp, desperately fighting off hungry crocodiles”<sup>30</sup> seria algo de tal ordem radical, que somente um “Deus onnipotente” poderia manter-nos em erro a ponto de fazer com que sejamos homens pré-históricos que acreditam que vivem na Era Atômica, e ainda assim, não colocar em risco a nossa existência: se, enquanto nós pensamos estar escrevendo este artigo para uma revista acadêmica, estaríamos, na realidade, lutando na beira de um precipício contra um tigre-dentes-de-sabre, saindo vencedor do combate sem saber que está combatendo (posto que continuamos a viver), tendo a Evolução criado tal engano entre nossas crenças e a realidade, porque, de algum modo, esse engano favoreceria a vitória contra a fera, isso, sim, constituiria um verdadeiro *milagre*.

O ateu tradicional, por outro lado, não tem nenhuma razão correspondente para duvidar de que a percepção de nossos sentidos reflete com exatidão o mundo exterior, nem nenhuma razão para pensar que a probabilidade de uma experiência empírica ser verdadeira (dada que é uma produção de suas faculdades cognitivas), seja baixa ou inescrutável. Ele pode, de fato, endossar alguma forma de *crença* enquanto *adesão ativa* a uma relação percebida; mas se o fizer, será uma forma de crença validada e experimentada *a posteriori*. E como ateu tradicional — seja Darwinista, Nietzscheano, Freudista ou Sartreano — ele crê que sua razão independe de Deus para existir, não sendo nem a imagem nem a semelhança de um hipotético criador onisciente e presciente que nada tem para conhecer *a posteriori* porque tudo o que poderia ser objeto de conhecimento já é por Ele conhecido de antemão.

A conclusão que devemos tirar disso, portanto, é que o naturalismo pode proporcionar conhecimento seguro do mundo exterior, independente dos juízos (“crenças”) que se possam construir sobre estas percepções, e mesmo que ligado ao evolucionismo, enquanto o cristianismo é que é auto-refutável: provê para si mesmo o seu anulador. É, portanto, inaceitável e irracional.

---

<sup>30</sup> PLANTINGA, A., Warrant and Proper Function, p. 224.



### Referências bibliográficas

- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Portal “Permanência”, disponível em: <<https://permanencia.org.br/drupal/node/8>>. Acessado em em: 20 set. 2022.
- BERKELEY, George. **Three dialogues between Hylas and Philonous**. KEGAN PAUL, TRENCH, TRUBNER & Co., LTD, editores. Chicago, 1906.
- BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- COLLI, Giorgio e MONTINARI, Mazzino (Org.). [**Friedrich Wilhelm Nietzsche.**] **Sämliche Werke. Kritische Studienausgabe**. 15 Vols. Berlin: Walter de Gruyter, 1967-1978.
- JOLIVET, Régis. **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 4ª edição, 1959.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª edição, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma Filosofia do Futuro**. São Paulo: 1ª edição, Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 18ª edição, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª edição, 2006.
- PLANTINGA, Alvin. **Warrant and propter function**. Oxford United Press, Inc., New York, 1993.

*Eduardo Banks dos Santos Pinheiro*

Graduando em Letras e Literatura Portuguesa pelo Centro de Letras e Artes da  
UNIRIO  
Rio de Janeiro / RJ – Brasil  
Email: [eduardobanks@edu.unirio.br](mailto:eduardobanks@edu.unirio.br)

Recebido em: 15/09/2023  
Aprovado em: 17/10/2024